



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## **O CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE AUSÊNCIAS E AFETOS, LAPSO OU REFÚGIO?**

Naranda Costa Borges

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGAC/UFBA

[narandac@hotmail.com](mailto:narandac@hotmail.com)

Como uma dançarina-pesquisadora venho desenvolvendo ao longo dos anos, uma abordagem de corpo especializada em mulheres não dançarinas. Este texto que hora apresento, foi inspirado nos estudos sobre o corpo feminino ocidental na contemporaneidade, especialmente o da brasileira, feitos para a minha pesquisa de mestrado e que amplio no doutoramento. Defendo que no corpo reencontramos as partes esquecidas, a essência, a herança sociocultural, e mais especificamente as habilidades e potencialidades desconhecidas e/ou reprimidas, pois, ele personifica o imaginário guardando os mistérios contidos em cada sujeito, seus desejos da alma e seus sonhos passíveis de compreensão e de sentido no mundo. O corpo que é portador de história, de cultura e singularidade está sendo reduzido a um artefato para a espetacularização da indústria cultural e do consumo. O corpo feminino, símbolo de uma narrativa histórico-dramática, outrora recatado e subjugado aos interesses do sistema ocidental-cristão-patriarcal, se reatualiza diante das transformações socioculturais contemporâneas sofrendo grande influência e domínio das mídias. O corpo idealizado é sexual, provocante, esbelto, extravagante, cuja atitude traduz o sucesso estético do mercado na cena social. Esta ideologia não está preocupada em respeitar e nem em considerar as diversidades culturais nas quais as mulheres estão inseridas. A mulher brasileira, apesar de estar se despedindo do padrão corporal da Santa Mãezinha- àquela mulher colonial submetida à dominação falocêntrica- não foge, no entanto, ainda à necessidade e desejo de se tornar bem-sucedida e valorizada pela ideologia dominante. O desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntos. Todavia, mesmo que a mulher de hoje ainda esteja submetida aos antigos e aos novos padrões de controle, ela tem buscado e alcançado alguma realização de suas potencialidades. Contudo, o acúmulo de tantas e diversas funções tem gerado transtornos e sacrifícios pessoais em consequência da

sobrecarga dissonante à organicidade e ao desenvolvimento feminino. Nesse sentido as mulheres são iniciadas num modelo que não lhes permite um acesso as suas forças reprimidas e esquecidas, sempre ameaçadoras por serem consideradas magias e sortilégios. Assim, o culto à Santa Mãezinha é substituído pelo da Mulher Maravilha e este novo tempo não lhe dá momento para cuidar de si, sua corporeidade, seu prazer e seus propósitos. Sendo termômetro essencial das sociedades contemporâneas é no com/por o corpo que a vida se sobressignifica. Como último local de soberania pessoal, o corpo é fator de individuação, pois é por ele que se pensa, vive o mundo e se estabelece o vínculo social. O sentimento de dissociar-se do corpo nos faz confrontar com um questionamento ético generalizado que, nos aproxima cada vez mais da constatação da infinita fragilidade da condição humana. De fato, o corpo é a única riqueza acessível. O corpo da mulher é somente então, símbolo da transitoriedade dos paradigmas contemporâneos onde as pulsões encerradas precisam ser compreendidas de forma criativa, para que ao invés de uma atitude passiva e degenerativa, as mulheres possam escolher uma atitude criativa e tomar posse de sua autonomia.

Palavras-chave: Corpo. Contemporaneidade. Mulher.

## **O CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE AUSÊNCIAS E AFETOS, LAPSO OU REFÚGIO?**

Naranda Costa Borges

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGAC/UFBA

narandac@hotmail.com

A partir do que me constitui enquanto mulher e pesquisadora, construí minha prática profissional tentando fazer de minhas ideias e ideologia a minha intervenção social e política. Todo o esforço tem sido no sentido de contribuir para despertar a mulher do seu sono profundo, acordar, transformar e se preparar para a conquista das relações de alteridade possíveis nas brechas que a contemporaneidade apresenta. Como uma dançarina-pesquisadora venho desenvolvendo ao longo dos anos, uma abordagem de corpo especializada em mulheres não dançarinas. Este artigo que hora apresento, foi inspirado, portanto, nos estudos sobre o corpo feminino ocidental na contemporaneidade, especialmente o da brasileira, feitos para a minha pesquisa de mestrado e que amplio no doutoramento.

A realidade de cada expressão se exterioriza na sociedade em uma forma de corpo, de rastro, de encarnação. Essa compreensão é um convite para que cada um se aproxime de seus próprios mistérios. Em minhas pesquisas, observei que historicamente o corpo da mulher brasileira foi submetido às imposições do regime colonial que o castigou e escravizou deixando marcas profundas gravadas até hoje. Por outro lado, o atual ritmo acelerado, a dupla jornada, a difícil luta pela sobrevivência transformaram as mulheres em quase autômatos, com dificuldades em lidar com sua demanda pessoal e, principalmente, com a social e coletiva.

O esforço para suprir necessidades materiais, emocional-afetivas e também espirituais dificulta ao ser humano em processo de automatização a percepção de si e de sua coexistência universal. No caso da mulher esse é um desafio a mais na superação dos seus medos herdados da sociedade colonial patriarcal.

Atualmente o corpo passou a ter a dimensão de sua funcionalidade, de sua utilidade máxima e dos mecanismos que favorecem a excelência na produtividade e no cumprimento de metas e objetivos que lhe são, na maioria das vezes, alheios. Neste contexto, as questões relativas às mulheres assumiram maiores proporções, eis que além da responsabilidade de gerar e cuidar elas têm enfrentado especiais dificuldades por conta da ocupação com o emprego e com a renda. Todos estes fatores têm ocasionado múltiplas jornadas de trabalho, gerando transtornos e sacrifícios em sua saúde e em seu bem-estar em consequência da sobrecarga. Com base nesse argumento, percebo que muitas vezes ficam esquecidos os prazeres e as

virtudes de seu corpo como potencialidade de auto-organização. Para tanto é preciso vivenciar o corpo como a mais concreta das experiências.

Defendo que no corpo reencontramos as partes esquecidas, a essência, a herança sociocultural, e mais especificamente as habilidades e potencialidades desconhecidas e/ou reprimidas, pois, ele personifica o imaginário guardando os mistérios contidos em cada sujeito, seus desejos da alma e seus sonhos passíveis de compreensão e de sentido no mundo.

Existem hoje muitas teorias, estudos e propostas sobre o feminino. Muitos deles se contrapõem ao que apresento aqui e há mesmo algumas mulheres que não concordam com o que chamo de necessidade de reatualização do princípio feminino, em vista da perda de sentido existencial provocada pela atual mudança de paradigmas e a ocupação de novos lugares de poder. Porém, as ideias que proponho e defendo neste estudo vêm corroboradas pelos anos de experiência com grupos de mulheres e pelas análises advindas da observação de suas narrativas corporais. Venho constatando, em suma, que o discurso proferido por certa razão feminina em muito se distancia de sua narrativa corporal, pois, em geral, nela fica revelada uma dissociação entre o pensar, o fazer e o realmente ser. E nessas questões o corpo é o grande denunciador.

Embora se tenha progredido em estudos como os da educação somática que propiciam experiências cotidianas integradoras, ainda é muito dissociado o corpo físico de outras dimensões humanas, como a mental, a espiritual e a emocional. Frequentemente falamos de nosso corpo como o Outro que se diferencia de nós mesmos, do que somos ou pelo menos em alguns aspectos, do que idealizamos ser.

O corpo feminino, essa “alteridade rebelde”<sup>1</sup>, costuma corresponder a uma parte de nós ainda não totalmente controlada e, portanto, de certa forma intangível. Gosto de ponderar o corpo a partir do lugar do vivido, portanto, de um lugar de sabedoria encarnada porque é este quem media ininterruptamente as forças antagônicas da vida, interagindo com o individual e o coletivo, com as polaridades, com os contrários, exercendo a função sempre de organizar o sentido da vida como numa espécie de síntese imantada, significante do vivido.

A autoridade da encarnação, portanto, é o corpo, e é este quem possibilita a efetivação de tudo o que somos. É ao mesmo tempo a sabedoria presente do vivido e do esquecido e toda a esperança que nos reatualiza no mundo. Não é uma fusão, nem uma mistura. É um desencontro, onde os caminhos provocam encruzilhadas que respondem à tensão advinda com o movimento da vida.

---

<sup>1</sup> Para a autora o corpo feminino é uma alteridade rebelde porque encarna a tensão binária dos opostos Eva e Lilith.

O corpo feminino como símbolo de uma narrativa histórico-dramática, tem muito para contar e atualizar sobre o princípio feminino. Mas, é preciso que nos disponibilizemos a escutá-lo e depois compreendê-lo, em busca, quiçá de uma ressignificação deste mesmo feminino. Afinal, seguimos com comportamentos fragmentados, o que contribuiu para a manutenção da percepção parcial e localizada de muitas mulheres.

Refletir sobre o corpo feminino é caminhar frente às questões do feminino.

A relação da mulher com o seu feminino é significativa em sua espetacularidade cotidiana e extracotidiana, pois, o contato com o seu Eros, com a sua libido, é que vai estabelecer a integração de seu Princípio Feminino<sup>2</sup>. Isso significa que para a mulher estabelecer um domínio nas relações humanas é preciso fazer fluir os seus opostos: o lado instintivo, que envolve a intuição, o inconsciente e os poderes latentes e o lado da consciência, que é quem determina e elege as relações. Sobre essa questão, Pires elucida (2008, p.129),

A mulher instintiva é a mulher arquetípica, a matriz de todas elas, independente da época e da cultura. Mesmo quando seus símbolos mudam, sua essência permanece a mesma. Então, cabe à mulher efetuar a caminhada para sair da escuridão do inconsciente rumo à claridade consciente, em que os próprios valores femininos são reconhecidos e vividos.

A reflexão acerca do discurso corporal das mulheres que participaram dos laboratórios e oficinas que ministrei ao longo dos anos, levou-me nesta investigação, à necessidade de conhecer e experimentar os traços mais profundos que acompanharam os mitos femininos. Dentre vários, elegi o mito de Eva e o mito de Lilith pois, encontrei nestes a revelação da dinâmica das memórias e das forças poderosas que atuam na alma feminina, cujo ponto de convergência é revelado pelo corpo da mulher contemporânea.

O mito de Eva (PIRES, 2008, p. 51), presente no texto bíblico do Antigo Testamento, foi criado pelo judaísmo entrelaçado ao mito de Adão como forma de estabelecer um padrão ideal de mulher e de homem que servissem de referência à transmissão dos valores desta cultura. Segundo este mito, Eva é a primeira mulher e esposa que nasceu da costela de Adão, o primeiro homem, e por isso, é considerada sua inferior e submissa. Como mulher ideal para o regime patriarcal, este mito influenciou a formação do pensamento ocidental cristão por onde foi disseminada a ideia de que Eva era pecadora, pois, influenciou Adão a cometer o pecado original e por isso levou a culpa pela expulsão do paraíso. Assim, além de pecadora, Eva também representa uma ameaça à vida social e por isso, uma mulher-Eva deve ficar reclusa em casa para não expor os homens novamente ao pecado. O pecado de Eva foi o sexo, por isso foi disseminada a ideia de que a mulher ideal tinha que ter uma conduta que se

---

<sup>2</sup> Entendo o Princípio Feminino como sendo uma qualidade arquetípica feminina essencial.

assemelhasse à das santas, sempre prontas a cuidar, obedientes e assexuadas, como veremos bem representado na mulher brasileira do período colonial.

O mito de Lilith (PIRES, 2008, p. 37), surge na tradição cabalística como sendo a primeira mulher criada antes de Eva, e que reivindicando igualdade a Adão foi considerada maldita e relegada às sombras. O lado obscuro da figura diabólica que frequentemente é atribuída às mulheres selvagens, ou seja, às que mantêm desperto o seu lado instintivo, é atribuído à Lilith.

Alguns mitos<sup>3</sup> femininos foram ressignificados em nossa Terra de Santa Cruz. A Eva se assume enquanto a Santa Mãezinha: mulher reclusa, pudica, piedosa domesticada, religiosa e preocupada com a consolidação do casamento e da família. E de outro lado, personificando os aspectos sombrios do feminino, aparece a Lilith na mulher descasada, solteira, da rua, luxuriosa, concubina, libertária.

Isto significa que o Brasil Colônia espelhou os rastros míticos sobre a condição feminina apontando na Santa Mãezinha o lado Eva, cheio de virtudes e moralmente aceito, e, apresentando o seu avesso na figura da Lilith constituído pelas mulheres solteiras, abandonadas e prostitutas que, pela ausência de marido não eram diferenciadas socialmente. Todas representavam a resistência das mulheres que não se submetiam as imposições do casamento. Sob esta questão Mary Del Priore (2009, p.14) confessa que:

Sensibilizei-me ao descobrir, por trás da torrente de discursos normativos sobre o-que-a-mulher-deveria-ser, as populações femininas em sua revanche contra o que significara uma armadilha para assegurar a sua menoridade. No avesso do papel que lhes era delegado pelas instituições de poder masculino, a Igreja e o Estado, elas costumavam as características do seu gênero, amarrando práticas culturais e representações simbólicas em torno da maternidade, do parto, do corpo feminino e do cuidado com os filhos.

Ou seja, na sombra da aparente submissão que garantia o seu espaço naquela sociedade, a mulher em paralelo resistia e criava as condições das brechas que garantia o seu poder/fazer.

A mulher da Colônia era um misto de submissão e resistência. Aparentava aceitar as regras de normatização de sua vida feminina em favor do povoamento, mas fez do exercício da maternidade um novo lugar de poder, onde exercia uma autonomia discreta e estabelecia suas próprias leis de convívio. Fato é que das Santas Mãezinhas herdamos o ideal considerado da boa mulher que sobrevive, ainda hoje, no imaginário social brasileiro reconhecido e representado, por exemplo, nas novelas e nas mídias, elevando a maternidade à condição sublime do feminino em detrimento de quaisquer outros papéis exercidos e conquistados.

---

<sup>3</sup> Compreendo o mito, então, como a criação de uma narrativa que nos conta de que forma algo ou alguém se transformou de uma condição para outra. O mito também é uma representação coletiva transmitida através das gerações para explicar o mundo. Um mito é, ainda, uma espécie de escritura desvelada, o dito. Portanto, se pode ser revelado ao nível do cognoscível, ele é antes de tudo construtor do acontecimento.

Porém, enaltecida na maternidade, a mãezinha não encontra mais sustentação neste lugar na contemporaneidade, visto que, o que antes era exercido exclusivamente por ela, ou seja, a educação, o sustento, a saúde, hoje é dividido pelos pais, médicos e professores. Esta nova condição permite que a mulher possa, enfim, exercer diferentes papéis sociais escolhendo quais deles são prioridades para a sua realização.

O sentido do mito na contemporaneidade parece dizer de uma necessidade de religamento, de uma reatualização da união com as forças ocultas individuais e coletivas. O que atualiza o mito é o rito. Entendo o rito aqui como o conjunto de práticas reguladoras que estabeleçam uma vinculação do mito com o imaginário, com o simbólico, pois, ao mesmo tempo em que ele atualiza o propósito humano a partir da ampliação das questões da humanidade, facilita o processo de libertação do homem dos modelos que o aprisionam, no sentido de impulsioná-lo a desvelar os mistérios do mundo e as forças ocultas que estes contêm.

As urgências atuais e os novos paradigmas multifacetados convidam as mulheres a contestar o modelo feminino moderno herdado da Eva, na tentativa de reatualizar seus conceitos, valores e desejos. Isto significa assumir diferentes pluralidades femininas até então, desconhecidas. Hoje a busca não está na construção de um modelo e, sim, na desconstrução. De tal modo, não é possível definir um padrão de aceitação da mulher contemporânea. Ela faz parte de um rizoma de interesses de papéis e funções assumidas, enquanto pessoa atuante em todos os campos da sociedade. Não se trata de definir ou localizar a mulher contemporânea e sim de reconhecê-la no tecido social através de suas ações e seus poderes. Não se trata de fixar e sim, distender conceitos desprendidos dos preconceitos.

A mulher da contemporaneidade quando se reconhece feminina, para além da disparidade de gêneros, se percebe em conflito porque se encontra na tentativa/desafio do vir-a-ser. E é principalmente o seu corpo, a sua realidade encarnada, que possibilita reconhecer-se como centelha da transitoriedade e do caos, onde todos os sentidos estão/são relativizados.

Mesmo assumindo atitudes emancipadas, a sua inserção no mundo se dá pelas vias das desigualdades. A maioria das mulheres ainda se identifica com padrões e tradições míticas sobre o seu papel na sociedade, o que limita o seu potencial autopoietico<sup>4</sup>. Ouso dizer que as mulheres da atualidade cultuam certo lapso ontológico e, pelo esquecido, pecam. O lapso refere-se a não reconsiderar os grandes símbolos da feminilidade como acesso a novos tipos de insígnias que traduzam outras identificações compatíveis à conjuntura atual, a partir dos

---

<sup>4</sup> O termo autopoietico deriva da palavra Autopoiese, que por sua vez, é um termo que deriva do grego *auto*, próprio e *poiesis*, criação, e que deu origem a um conceito cunhado na década de 70, pelos biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade que seres vivos têm de produzirem a si próprios. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Autopoiese>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

imaginários femininos ressignificados. O corpo feminino, como símbolo de sua expressão no mundo, é o próprio lapso em permanente construção de uma realidade feminina ainda exercício e portanto, não plenamente realizada.

Há brechas no feminino contemporâneo resvaladas em grande parte por uma perda de sentido existencial, comunicada emergentemente através da narrativa corporal da mulher. Tais brechas parecem indicar a encontrar na parecença da natureza, da maternidade, da fecundidade, do amor, da criatividade, da intuição, as forças poderosas que atuam em seu íntimo sem o julgamento patriarcal.

O entrecruzamento de várias etnias e a submissão às normas do projeto da empresa colonial que seguia um modelo escravista, exploratório e dominador, acentuava as desigualdades não só nas relações de gênero, mas também, entre as próprias mulheres na discriminação dos seus papéis femininos criando muitos preconceitos e estigmas sociais para a mulher colonial brasileira, e que de certa forma ainda pode ser encontrado nos nossos dias.

Podemos inferir desses argumentos, que a construção da Santa Mãezinha no Brasil Colonial trouxe para a condição feminina a possibilidade de criar novos desígnios às vidas daquelas mulheres que serviram de um novo constructo para suas herdeiras brasileiras.

A situação oposta a das Mãezinhas adestradas, a mulher de rua, avessa por vontade ou situação às normas impostas, como bem lembra Del Priore (2009), criou um contraponto. É quando entra em cena a Lilith que foge a todo o enquadramento social imposto e cumpre um importante papel para o equilíbrio arquetípico feminino colonial. O fato de estar à margem do social contribuía para a deferência das que seguiam as regras. As mãezinhas adestradas, por sua vez, contribuíram para que se ressaltasse a importância das mulheres libertárias no que se refere ao desfrute do prazer e a possibilidade de escolha do companheiro de seu agrado. Portanto, “[...] uma não existe sem a outra, e que, se por tanto tempo um certo processo de normatização conseguiu distingui-las nos menores detalhes, o ideal é que se reunissem os defeitos e qualidades de ambos os papéis num” (DEL PRIORE, 2009, p. 36).

Diante destas questões é possível perceber que a discriminação imputada até hoje à mulher brasileira está imbricada ao seu processo civilizatório. A mulher colonial foi efetivamente discriminada tanto por seus aspectos Eva, quanto pelos Lilith. Contracenavam o positivo e o negativo, a luz e a sombra povoando o imaginário brasileiro até os nossos dias.

Apesar das brechas, não resta dúvida de que as peculiaridades da vida colonial autenticaram a mulher em seu papel de guardiã, administradora e mantenedora da casa e dos desígnios de seus protegidos. O arquétipo da Eva foi definitivamente reavivado nas Santas Mãezinhas coloniais brasileiras.



Por fim, nesta trajetória brasileira no período colonial é importante compreender que, idealizada na figura da mãe, a mulher conduziu os propósitos de povoamento e normatização social da Empresa Colonial brasileira. Porém ao transmitir estes valores às gerações seguintes, ela normatizou a si mesma quando incorporou os preconceitos e estigmas de uma sociedade androcêntrica. Acreditou encontrar benesses e compensações aos martírios do casamento, na realização de seu poder informal na família e no destaque que obteve na disseminação de saberes e tradições populares.

O imaginário feminino guarda todos os modelos das representações do feminino através dos tempos. Como uma espécie de museu latente, é na dimensão imaginário que a mulher pode confrontar com os padrões que limitam a sua autonomia e a expansão de sua personalidade. Explorando o imaginário da mulher brasileira se encontram, portanto, os contrários, a Eva e a Lilith, opostos que representam potencialidades arquetípicas femininas, cujos rastros se encontram atuantes na práxis da mulher.

Maffesoli (2005, p. 5-6) diz que há uma mudança no imaginário da pós-modernidade e este diz respeito a uma não conformação das insígnias sociais progressistas de outrora, entendo que para a mulher é hora de dar passagem às sombras fazendo-as emergir pelo desvelamento das memórias ocultas e encarnadas. A partir deste desvelamento podem surgir novas estratégias do fazer-sentir-pensar à vida em todas as suas instâncias.

O desvelamento das memórias ocultas passa por uma reatualização dos afetos na contemporaneidade. Esta reatualização ganha importância, na medida em que reflete a necessidade de considerar o respeito às diferenças como parte essencial de uma identidade feminina que responda à multidisciplinaridade do mundo atual, sendo, portanto, mais condizente com os paradigmas sociais contemporâneos, que apontam para um mundo onde o exercício da vida é sinônimo de trânsito pelas tensões dos opostos.

Entre os opostos estão as ausências femininas que encerram os espaços virtuais ocupados pelo imaginário feminino. São ausências plenas de rastros que se não encontram passagens criativas favorecem uma padronização constante da mulher, o que resulta em muitas vezes em estados depressivos e em sensações de profunda significação do sem-sentido da vida.

Em meu entendimento, a compreensão e a afirmação da identidade feminina atual precisa sair da ausência, do sem-sentido, do caminho traçado fora de si mesma, para encontrar suas forças ocultas, seus segredos, seus desejos, seu tempo, sua natureza de mulher. E é na tensão dos contrários que a ausência se dilui e se preenche de memórias que guardam tanto um passado de repressão, como as estratégias criativas para sobreviver.

Inspirada pela teoria dos Arquétipos de Jung e pela Mitanálise de Durand defendo que a mulher possa através do acesso ao seu imaginário, simbolizar as imagens da sua consciência

indireta, ou do seu inconsciente, ou das suas memórias ocultas através do movimento. Portanto, é no e através do corpo, que a mulher pode criar possibilidades de reatualizar a si mesma em busca da desconstrução dos modelos femininos de outrora que limitam a sua autonomia e o exercício de suas potencialidades. É no corpo que se encontra o potencial afetivo.

Segundo Ferreira (2010), o afeto se define por ser um “estado emocional ligado à realização de uma pulsão que, reprimida, transforma-se em angústia ou leva à manifestação neurótica”. Também é descrito como uma espécie de “inclinação, simpatia, amizade, amor”. Portanto, defendendo a reatualização e o exercício da afetividade a partir da realização da narrativa corporal através da qual as pulsões individuais e coletivas podem encarnar e sem as quais, em meu entendimento, não há condições de desenvolver a singularidade que cada pessoa encerra, nem tampouco construir a autonomia necessária a uma vida atuante.

Para a psicologia de abordagem junguiana o afeto é um,

Sinônimo de emoção; sentimento de intensidade suficiente para causar uma agitação psíquica ou outros distúrbios psicomotores óbvios. Tem-se o comando sobre o sentimento, enquanto o afeto se introduz com a vontade e só pode ser reprimido com dificuldade. [...] O afeto revela a posição relativa e a força de valores psicológicos. Uma ferida psíquica é medida pelo afeto desencadeado quando ela é tocada. (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003)

Mobilizar o afeto é direcionar o movimento para a desconstrução da vida, no sentido de afastar-se de referências padronizadas que autolimitam e movimentam as potências, ressoando e atraindo comportamentos comprometidos com as próprias identificações. Entendo o afeto, portanto, como uma aliança necessária à interação e sustentação da vida. Pois, a afetividade é a única possibilidade para uma convivência ética entre os seres humanos. Sem esta não se pode admitir o exercício da alteridade, no sentido de coexistência. Ou seja, quanto mais consciente de quem se é, como se age, como se sente, o que se necessita, maior o vínculo estabelecido entre as pessoas e maior a possibilidade de interação e afeto.

O corpo da mulher é somente então, símbolo da transitoriedade dos paradigmas contemporâneos onde as pulsões encerradas precisam ser compreendidas de forma criativa, para que ao invés de uma atitude passiva e degenerativa, as mulheres possam escolher uma atitude criativa e tomar posse de sua autonomia. Entre esses opostos é o afeto que vai facilitar a convergência das memórias ocultas, por seu aspecto conciliatório essencial.

O corpo feminino, outrora recatado e subjugado aos interesses do sistema ocidental-cristão-patriarcal se reatualiza diante das transformações socioculturais contemporâneas sofrendo grande influência e domínio das mídias.

Segundo Le Breton (2003, p. 15), sob a ótica científica atual o corpo é visto como “[...] uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não, mais uma raiz de identidade do homem”. Ou seja, de acordo com o autor, o corpo que é portador de história, de cultura e singularidade está sendo reduzido a um artefato para a espetacularização da indústria cultural e do consumo.

O corpo idealizado é sexual, provocante, esbelto, extravagante, cuja atitude traduz o sucesso estético do mercado na cena social. Este tipo ideal de mulher é fabricado por uma ideologia de mídia que tem funções explicitamente mercadológicas. Esta ideologia não está preocupada em respeitar e nem em considerar as diversidades culturais nas quais as mulheres estão inseridas.

Os modelos da mulher ideal que são difundidos pela mídia no Brasil, são atrelados a imagens de mulheres jovens, magras, ricas e em sua maioria, brancas. Diante disso, é comum verificar a grande preocupação da mulher brasileira em permanecer jovem a qualquer custo para ser admirada e gozar de um espaço social de sucesso.

O medo do envelhecimento aparece nas mais diversas formas como as dietas constantes, a prática de atividades físicas intensas, o uso de cosméticos variados, as cirurgias plásticas rejuvenescedoras e até o aparecimento de doenças psicológicas como a bulimia e a anorexia, provocadas por uma rejeição incontrolável à comida pelo medo de engordar e ficar fora dos padrões impostos.

A mulher brasileira, apesar de estar se despedindo do padrão corporal da Santa Mãezinha, não foge, no entanto, ainda à necessidade e desejo de se tornar bem-sucedida e valorizada pela ideologia dominante. Por essa razão busca alcançar com seus corpos e comportamentos o que Mauss (2003, p. 405) chama de “imitação prestigiosa”,

A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. [...] O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social.

Ou seja, ressaltando alguns atributos e comportamentos em detrimento de outros, vai construindo um corpo desejado para o outro e para a sociedade, obtido pelos meios do processo de imitação prestigiosa. Isto porque que os hábitos, crenças, costumes e tradições que caracterizam uma cultura também se referem ao corpo.

O desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntos. Se por um lado, o corpo da brasileira vem se emancipando de suas antigas servidões-sexuais, dos estigmas da procriação e até dos padrões indumentários, por

outro, se encontra submetido a coerções estéticas também reguladoras, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que as anteriores.

No mundo ocidental o culto ao corpo é disseminado e, muitas vezes, vem camuflado pela preocupação com a saúde e com a qualidade de vida. Porém, mais que resultado das imposições da cultura contemporânea que valoriza o consumo, a maior expectativa de vida impõe uma ditadura estética ao corpo, principalmente às mulheres, que necessitam estar sempre jovens para se sentirem valorizadas e aceitas. É preciso ter um corpo sarado, saudável, com uma aparência de frescor, vestido com as marcas de prestígio mercadológico. Esta realidade sugere uma nova construção do corpo da mulher, com base nos modelos impostos pela mídia.

Porém, é possível reconhecer que a dominação sobre a mulher volta a encontrar pequenas fissuras neste século. O fato de conquistar o direito ao voto e a possibilidade de trabalhar fora de casa, além da revolução sexual favorecida pela pílula anticoncepcional, provocou mudanças em seu comportamento favorecendo mais desenvoltura e confiança em diversas áreas de atuação.

Todavia, mesmo que a mulher de hoje ainda esteja submetida aos antigos e aos novos padrões de controle, ela tem buscado e alcançado alguma realização de suas potencialidades: assume cargos fundamentais para a vida pública como a exemplo da Presidência da República Federativa do Brasil, da chefia da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, da Presidência do Flamengo Futebol Clube dentre tantas outras funções antes de domínio exclusivamente masculino. A mulher cresce em suas diferentes profissões, toma cada vez mais assento nas universidades, sem abdicar de assumir também os papéis de mãe e de dona-de-casa.

Contudo, como apontado anteriormente, o acúmulo de tantas e diversas funções tem gerado transtornos e sacrifícios pessoais em consequência da sobrecarga dissonante à organicidade e ao desenvolvimento feminino. Nesse sentido, as mulheres são iniciadas em um modelo que não lhes permite um acesso as suas forças reprimidas e esquecidas, sempre ameaçadoras por serem consideradas magias e sortilégios. Assim, o culto à Santa Mãezinha é substituído pelo da Mulher Maravilha e este novo tempo não lhe dá momento para cuidar de si, sua corporeidade, seu prazer e seus propósitos.

Le Breton (2003, p. 221) diz que “o homem está enraizado em seu corpo para o melhor e para o pior” e que abdicando da densidade do corpo perdemos o sabor das coisas. Sendo termômetro essencial das sociedades contemporâneas é no com/por o corpo que a vida se sobressignifica. Como último local de soberania pessoal, o corpo é fator de individuação, pois

é por ele que se pensa, vive o mundo e se estabelece o vínculo social. “Qualquer confusão introduzida na configuração do corpo é uma confusão introduzida na coerência do mundo”<sup>5</sup>.

O sentimento de dissociar-se do corpo nos faz confrontar com um questionamento ético generalizado que, nos aproxima cada vez mais da constatação da infinita fragilidade da condição humana. De fato, o corpo é a única riqueza acessível.

A partir de processo de reconhecimento de si num estado corporal reflexivo-atuante, proponho então, que a mulher se disponibilize a verificar os seus potenciais revelando-os no sentido de se possibilitar o encontro com os seus rastros e com as suas identificações, capacitando-se então, para a realização de sua autopoieses através de sua narrativa corporal. Desse modo, inevitavelmente promoverá um reencontro com a memória corporal, com as suas capacidades sensoriais e suas dimensões latentes no caminho da sua autonomia.

#### Referências Bibliográficas

AUGRAS, Monique. **Imaginário da magia**: magia do imaginário. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC, 2009.

BAUMAM, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BORIS, G. D. J. B., CESÍDIO, M. de H.. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, Vol. VI – Nº 2 – p. 451-478 – set/2007. Disponível em <http://www.unifor.br/malestaresubjetividade>. Acesso em 25 de junho de 2010.

BORGES, N. C.. **Dançar**: uma autopoieses do feminino através da dança. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança/ Escola de Teatro, 2011. 128f.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus**. Trad. Carmem Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009.

CARVALHO, F. A. T. de. **Corpo Feminino**: Expectativas Medievais x Expectativas Atuais. Disponível em [www.saude.rio.rj.gov.br/media/CORPOFEMININO.doc](http://www.saude.rio.rj.gov.br/media/CORPOFEMININO.doc). Acesso em 25 de junho de 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo**: Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: UNESP, 2009.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Trad. Liliane Fitipaldi. São Paulo: Cultrix, 1988.

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 223.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 2011. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Disponível em: <<http://www.aureliopositivo.com.br>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

GOLDENBERG, M.. **O Corpo como Capital**: para compreender a cultura Brasileira. Arq. Mov., v.2, n. 2, p. 1145-23, 2006.

GREER, Germaine. **A Mulher Inteira**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDING, Mary Esther. **Os mistérios da mulher antiga e contemporânea**: uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa e Vilma Hissako Tanaka. São Paulo: Paulus, 1985.

HURWITZ, Siegmund. **Lilith A Primeira Eva**: aspectos históricos e psicológicos do lado sombrio feminino. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

LE BRETON, D.. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003. Cap. 7, p. 181-226.

LIRA, André Agra G. **Tempos do Imaginário**. Disponível em: <[http://andreaagra.blogspot.com/2010\\_01\\_01\\_archive.html](http://andreaagra.blogspot.com/2010_01_01_archive.html)>. Acesso em: 16 jul. 2011.

MAFESOLI, M. **O Conhecimento Comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAZZA, Selene Regina. Percepções da feminilidade e sexualidade da mulher no contexto da psicologia clínica analítica. **Revista Coniunctio**. v. 1, n. 1, 2004. Sízigia, Núcleo de Estudos em Psicologia Analítica. Disponível em: <<http://www.sizigia.com.br>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

MEDEIROS, M. S. F.. **Imagens, Percepções e Significados do Corpo nas Classes Populares**. Soc. estado. v. 19 n. 2 Brasília, 2004.

MILHOMENS, Paulo. **Por uma figura institucional feminina contemporânea a partir da análise histórica de Michelle Perrot**. 2011. Disponível em: <[http://revistaautor.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=185&Itemid=1](http://revistaautor.com/index.php?option=com_content&task=view&id=185&Itemid=1)> e <[http://revistaautor.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=175&Itemid=41](http://revistaautor.com/index.php?option=com_content&task=view&id=175&Itemid=41)> . Acesso em: 04 fev. 2011.

NOVAES, Joana de Vilhena. **Com Que Corpo Eu Vou?** Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Pallas, 2010.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva:** imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

STEIN, M. **Jung:** O Mapa da Alma. São Paulo: Cultrix. 1998.

ZWEIG, C; ABRAMS, J. **Ao Encontro da Sombra.** São Paulo: Cultrix, 1991.